

Capital: essência e aparência

REINALDO A. CARCANHOLO (ORG.).
São Paulo: Expressão Popular, 2011, v.1, 176p.

PATRICK RODRIGUES ANDRADE*

Logo de princípio é importante destacar que, apesar do que possa sugerir o seu sumário e sua linguagem (aparentemente simples e de proposta didática), *Capital*: essência e aparência não é um livro introdutório. Tampouco o livro propõe oferecer um “manual de estudos” para a principal obra de Marx, *O capital*, como adverte a contracapa.

Sem embargo, como uma leitura adequada do sentido da dialética já aponta, duas negativas não conduzem, *per se*, a uma afirmação sintética positiva. Essa visão tacanha, que especialmente os detratores do pensamento dialético sempre fizeram questão de apontar como uma transgressão lógica, na verdade é tão estranha à dialética como evidentemente o é para as lógicas tradicionais (que guardam como núcleo comum o princípio do terceiro excluído). Aqui reside um dos pontos centrais já presente no primeiro volume de *Capital*: essência e aparência: a dialética não é considerada um mecanismo moedor da não identidade, na qual todo o qualitativo diverso deve ser lançado no abismo da identidade passiva em prol da positividade do movimento das contradições. Esse ponto ressalta como não é apenas desnecessário, mas como é muito impertinente se propor a tornar – através de “manuais” – a leitura de *O capital* mais acessível ou compreensível

* Professor de Economia da PUC-SP.

àquele que pretenda iniciar seu caminho até os cimos luminosos do conhecimento. O livro não pretende realizar qualquer tipo de reconciliação (tanto lógica, quanto histórico-política) do pensamento de Marx aos pensamentos dos tempos atuais, à “nova economia” ou à relativização das determinações; uma falsa saída, no fundo odienta, contra a pretensa rigidez que tende a saturar o conceito de determinações.

É possível dizer que o mérito do livro está em não fazer concessões. Isso não significa, para o espanto de opiniões mais razoáveis e sensíveis ao nosso dito “novo tempo”, qualquer tipo de dogmatismo. Pelo contrário, o que os autores fazem questão de reafirmar é o convite já proposto por Marx aos leitores sequiosos por verdades, de caminhar sob a condução do próprio autor alemão durante algum tempo, e permitindo, ao decorrer do percurso, abdicar da mão do autor e lançar seus próprios passos.

Esses elementos já são expressos no começo do livro, o que aguça a leitura. Na introdução, como epígrafe, são apresentadas a “definição” de valor – como quantidade de trabalho socialmente necessário para produzir uma mercadoria; a diferença entre valor e valor de troca – como sendo no fundo indistintos; e talvez o mais polêmico, pelo menos dentro da análise compartimentalizada do que se chama hoje “ciência econômica” – que os preços de mercado em Marx venham a ser sempre proporcionais às quantidades de trabalho socialmente necessário para a produção das mercadorias. Assim, num lance resumido, tem-se a apresentação do resultado de vários anos de entulho pretensamente marxista-leninista: a definição de valor, sua indiferença para o valor de troca e os preços de mercado como sempre idênticos aos valores. Pode-se dizer, sem se restringir a isso, que o *leitmotiv* do livro é contribuir para eliminar esses entulhos que ainda hoje atrapalham o estudo de Marx. Parte do interesse no texto dos autores surge pela exposição que desmonta um sem número de equívocos em torno do pensamento de Marx, seguindo e respeitando seu modo de exposição.

Apesar de ser possível apontar a maturidade atual do pensamento marxista no Brasil, ainda não é de todo estranho se deparar com discussões que possuam incompreensões quanto à teoria do valor de Marx. E por isso, no livro, ela recebe um destaque importante, que chega a permear abertamente todo o percurso de leitura. Isso especialmente na primeira parte do livro, de autoria de Reinaldo Carcanholo, que trata de “Mercadoria, valor e fetichismo”. Como o próprio Marx já comenta, na *Contribuição à crítica da economia política*, é reconhecidamente David Ricardo que realiza a mudança clássica da aparência objetiva formada na circulação capitalista para o lugar de produção como seu núcleo íntimo, sua essência; sem embargo, o destaque de texto está em que, em certo sentido, o movimento realizado por Marx é o oposto: a volta aos “segredos” que se inscrevem na própria *forma* do valor, para apontar a derrubada da prioridade unilateral da *forma* – enquanto único princípio ativo –, mas que nem por isso volta a subestimar sua atividade e função relativamente determinada, de modo a ser possível escapar de uma dupla armadilha: se cegar pela forma ou reduzi-la a uma “mera forma”.

Na segunda parte do livro, o capítulo sobre a natureza e funções do dinheiro, de Helder Gomes e Paulo Nakatani, e o sobre capital e mais-valia, de Reinaldo Carcanholo e Maurício Sabadini, devem ser lidos em conjunto, dada a sintonia entre os autores. É interessante a articulação entre a apresentação dos resultados marxianos sobre o dinheiro e sua correlação íntima com as transformações no capitalismo contemporâneo. Aquele entesouramento desvairado que foi posto em xeque nos momentos pré-capitalistas, percebido como um desvio limitado, é elevado na relação-de-capital ao próprio princípio de vida social, no momento do dinheiro gerando mais dinheiro. A coisa-vendável, que se apresenta como sujeito – que os autores denominam de “substantivação do valor” –, apenas passa a ser capaz de “sobreviver” se acompanhada do seu excesso constituinte, o que, já na forma dinheiro, impede a percepção de um movimento “normal”. Já o capítulo de Sérgio Prieb e Carcanholo sobre o trabalho em Marx retoma os elementos anteriores, articulando o próprio conceito de capital com o de crítica, ao discutir a centralidade do trabalho, um dos pontos de ataque a Marx desde as primeiras publicações dos “economistas vulgares”.

A crítica ao modo de exposição de Marx, quando desloca os indivíduos concretos do processo de valorização e põe as várias dimensões do fetichismo, crítica essa vinda inclusive de setores de esquerda, não compreende que isso se deve à própria *forma da crítica* empreendida pelo autor; que é radicalmente diferente da crítica tradicional iluminista (como ele insistia em apontar já em 1857). Para essa última, uma devida análise deve ser capaz de demonstrar que aquilo que parece ser uma “entidade teológica misteriosa” tem sua origem em um processo ordinário da vida real; já para Marx, o discurso a respeito das sutilezas metafísicas da mercadoria, da abstração real do valor, é a busca por apreender e reproduzir idealmente o encantamento inerente à própria dinâmica aparentemente desencantada do capitalismo.

Sobre os autores, para aqueles próximos aos desenvolvimentos recentes da teoria marxista, seria desnecessário tecer longos comentários. Eles estão entre os primeiros a precisar, no interior das transformações recentes do capital e seguindo a rigorosidade do desdobramento das categorias em Marx, o que venha a significar teoricamente “capital financeiro”. Desvendam o papel desempenhado pelo capital fictício com a mundialização do capital e, especialmente, uma nova categoria, *lucros fictícios*, que avança sobre pontos ainda hoje pouco tratados no interior da tradição marxista – os capítulos 24 a 32 do livro terceiro de *O capital*.

Demonstrando a íntima articulação do movimento de concreção das contradições da relação-de-capital, sem se limitarem indiscriminadamente ao seu papel positivo, mas marcando a negatividade desse movimento, mesmo que fora desse registro “filosófico”, os autores conjugam o “trabalho do negativo” à intempestividade da crítica. O que sempre os colocou em animosidade com outros autores da tradição marxista, para o bem de nós leitores interessados na atualidade da crítica.

ANDRADE, Patrick Rodrigues. Resenha de: CARCANHOLO, Reinaldo A.(Org.). Capital: essência e aparência. São Paulo: Expressão Popular, 2011, v.1, 176p. Lisboa: Bertrand, 2011, 399p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.34, 2012, p.179-181.

Palavras-chave: O Capital; Dinheiro; Mais-valia; Teoria econômica.